

HISTÓRIAS DE UMA “TERRA DE NINGUÉM”: EXPERIÊNCIAS DE UMA CIDADE COM A LOUCURA¹

■ SAMARA PIMENTA MONECCHI

<https://orcid.org/0000-0003-0393-0775>

Universidade Federal do Espírito Santo

■ MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS

<https://orcid.org/0000-0003-1123-4374>

Universidade Federal do Espírito Santo

■ HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES

<http://orcid.org/0000-0002-4687-3646>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O artigo apresenta experiências cidadinas da cidade de Cariacica, chamada, por muitos de “terra de ninguém”. Integrante da região metropolitana do Espírito Santo, e no caminho do “desenvolvimento econômico”, Cariacica durante muitos anos abrigou os rejeitados das cidades. Isso, pois, foi lá a sede do primeiro hospital psiquiátrico do estado, o antigo Hospital Aduato Botelho, que encarcerou os ditos loucos e indesejados das cidades espírito-santenses. A partir da abertura dos portões físicos deste Hospital, a loucura passou a habitar as ruas de Cariacica, que também foi escolhida para sediar as primeiras residências terapêuticas. Essas tinham a finalidade de ser moradia para alguns dos ex-internos do hospital que perderam o vínculo familiar. As histórias da cidade emergem em cada fresta das casas, ruas, avenidas, placas, entre tantos outros espaços e na memória de seus moradores, todas indicando que essa- “terra de ninguém” foi abandonada pelos poderes públicos, deixada à sua própria sorte. Contudo, se destaca por lutas e resistências que ganham força a partir da ocupação da loucura em seus espaços.

Palavras-chave: Experiências cidadinas. Loucura. Residências Terapêuticas.

¹ O presente artigo é fruto da pesquisa de mestrado da primeira autora, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), intitulada Avizinhando experiências: histórias de uma cidade com a loucura, sobre orientação da segunda autora do artigo. A pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento: 001.

ABSTRACT **STORIES FROM A NO MAN’S LAND: A CITY’S EXPERIENCE WITH MADNESS**

The article presents urban experiences - from the city of Cariacica - that many people call city dwellers, “no man’s land”. For many years, it has housed the rejects of the cities that make up the metropolitan region of which it is a part, which has been moving in the direction of so-called “economic development”. It is home to the first psychiatric hospital in the State of Espírito Santo, the former Aduino Botelho Hospital, which incarcerated the so-called insane and undesirable from the cities of Espírito Santo. As soon as the doors of the hospital were opened, madness began to populate the streets of Cariacica, which was also chosen as the location for the first therapeutic residences to house some of the hospital’s former inmates who had lost their family ties. Full of stories that emerge from every crevice of the houses, the streets, the avenues, the signs, among many other spaces and in the memory of its inhabitants, showing that this city - “no man’s land” - has been abandoned by the public authorities, left to its own devices, but stands out for the struggles and resistances that gain strength from the occupation of its spaces by madness..

Keywords: Urban experiences. Madness. Therapeutic residences.

RESUMEN **HISTORIAS DE UNA TIERRA DE NADIE: LA EXPERIENCIA DE UNA CIUDAD CON LA LOCURA**

El artículo presenta experiencias urbanas - de la ciudad de Cariacica - que muchos lugareños llaman “tierra de nadie”. Durante muchos años albergó a los desechos de las ciudades que componen la región metropolitana a la que pertenece y que avanzaba en la dirección del llamado “desarrollo económico”. Alberga el primer hospital psiquiátrico del estado de Espírito Santo, el antiguo Hospital Aduino Botelho, que encarcelaba a los llamados locos e indeseados de las ciudades de Espírito Santo. Cuando se abrieron las puertas de este hospital, la locura comenzó a habitar las calles de Cariacica, que también fue elegida para albergar las primeras residencias terapéuticas, destinadas a alojar a algunos de los antiguos internos del hospital que habían perdido sus lazos familiares. Llena de historias, que emergen de cada resquicio de las casas, calles, avenidas, señales, entre otros muchos espacios y en la memoria de sus habitantes, que indican que esta ciudad - “tierra de nadie”- fue abandonada por los poderes públicos, dejada a su suerte, pero destaca por las luchas y resistencias que cobran fuerza a a partir de la ocupación de sus espacios por la locura.

Palabras clave: Experiencias urbanas. Locura. Residencias terapéuticas.

Uma “terra ninguém”? A cidade de Cariacica-ES contada por seus moradores: por uma política do contar: crônicas de uma cidade

Era uma vez... essa é a expressão que muitas vezes usamos para contar uma história. Era uma vez uma cidade. Seu nome: Cariacica. Seus antigos habitantes contam que esse nome surgiu da expressão “Cari-jaci-caá”, termo usado pelos indígenas para identificar o porto onde desembarcavam os imigrantes. Sua tradução: “chegada do homem branco”.

Escrever, contar, poder falar dessa cidade é operar uma marca no corpo em franca dimensão impessoal, é fabricar uma experiência sempre mutante. Como em um jogo de passar anel, faz-se passar aquilo que nos inquieta, e mesmo assim, não sabemos quem detém o anel. Escrever, contar, portanto, não se faz por anterioridade, emerge em um fragmento do tempo. A memória guardada sob forma de imagens interrompe o curso do tempo que jorra.

É assim que queremos contar essa história, que poderia começar de incontáveis maneiras. Contar, escrever, memorar, costurar uma experiência sempre em feitura, inventada. Contar uma história de Car-jaci-caa’ (sim, ‘uma’, pois muitas outras podem ser contadas, quem conta um conto aumenta um ponto), construindo a sua narrativa em um jogar-se a uma aventura que não sabemos previamente, uma vez que se constrói no próprio ato de narrar, com ele e além dele. Um processo que viabiliza passagens através de uma porta entreaberta, tentando escapar à linguagem pragmática, o que pode levar a uma entrada sensível, que se articula com aquele que a experimenta ao ler.

Uma espécie de crônica (Benjamin, 1992), que difere da historiografia, uma vez que o cronista é o narrador da história, sem a necessidade de tecer explicações sobre aquilo que conta. O cronista aposta no insondável devir

do mundo: “[...] a magia libertadora de que o conto dispõe não põe em cena a natureza de uma forma mítica, mas é a indicação da sua cumplicidade com o homem libertado” (Benjamin, 1992, p. 49-50). Por meio de um gesto, algo é gestado. Neste ensaio, o gesto de narrar um pouquinho (Portelli, 1997) o que se passa em Cariacica é seguir na direção de uma política do contar, que, muito distante de qualquer tentativa de informar, emerge naquilo que é narrado, tanto para os que viveram, como também para aqueles que escutam ou leem.

Essa é a escolha: contar as histórias de uma cidade conhecida como “terra de ninguém”, terra sem lei, abandonada pelos poderes públicos, conforme muitos de seus moradores narram. Este ato de contar passa a ser um instrumento de análise do presente, dando visibilidade à dignidade das lutas menores - no sentido deleuziano - que cotidianamente ali são travadas.

Montar histórias de Cariacica, contar um “pouquinho” (Portelli, 1997), seguindo Benjamin (1992), seria uma forma de narrar, de “erguer as grandes construções (historiográficas) a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão”, uma vez que as histórias e a palavra do outro podem nos ajudar a pensar a atualidade. Os rastros desse encontro evidenciam “a dissolução da centralidade da enunciação na biografia de quem fala” (Ferreira, 2011, p.130).

Para nós, o exercício de compor com os relatos dos moradores da cidade – advindos de fragmentos orais recolhidos nos encontros de conversação, mas também de fragmentos extraídos de diários de campo -, orientou-se pelo entendimento de que aquilo que os cidadãos enunciaram se constitui em um complexo processo interacional, dada a natureza dialógica do discurso. Um espaço relacional de variadas forças e discursos que presumem diferentes vozes. O outro com o qual conversamos é mais

do que um interlocutor, ele se engendra em um agenciamento dinâmico. Importante destacar que não desconsideramos que um discurso é orientado para uma resposta, mas isso nos importa pouco. Apostamos em uma posição narrativa dos fragmentos que os mostre a partir de uma ideia de que o contar experiências é um processo que está sempre em construção. Quem conta um conto aumenta um ponto, buscando, a partir de uma contação em conversa, a dissolução das centralidades das narrativas.

* * *

Conhecer um território é estar atento aos processos de singularização e às guerrilhas micropolíticas² que o constituem. Território como um espaço de “disputas políticas de força”, embate entre poder e potência, que se atualizam de modo singular em cada lugar (Mizoguchi, 2007, p. 18). O poder aqui é entendido não como aquilo que é propriedade de alguém ou de um grupo, mas sim, as relações de força, sempre móveis, que implicam resistência e, neste sentido, produzem realidades e regimes de verdade. “Por mais finos que sejam os capilares da rede social a que chegemos, encontraremos o poder, não como algo possuído por alguém, mas como algo que passa, se efetua e se exerce” (Foucault, 2015, p. 207). Sendo assim, é sempre uma microfísica do poder, com suas instâncias, táticas e estratégias, que produzirá discursos, verdades, é nessa rede “que algo como o indivíduo, a coletividade, a instituição aparece” (Foucault, 2006, p.19-20).

A expressão “terra de ninguém”, usada por muitos moradores ao se referirem à Cariaci-

2 Quando falamos em micropolíticas, falamos de movimentos cotidianos, “embates minúsculos e intensos, enfrentamentos moleculares, contendas concretas, dentre outras, entre o poder sobre a vida e o poder da vida” (MIZOGUCHI, 2007, p. 48). Nesse movimento, criações e desmanches estão sempre suscetíveis de acontecer, a cidade é campo dessas lutas micropolíticas, práticas e relações de poder instituídas são confrontadas, desmanchadas, recriadas.

ca-território está carregada de sentidos, mas, principalmente, pretende afirmar que se “trata de uma cidade da desordem, da precarização, da violência, do abandono”. É nesse território-terra de ninguém que se efetivam guerrilhas micropolíticas que permitem que outras histórias sejam contadas. Como falar desse território Cariacica? Quais movimentos destacamos?

Preferimos caminhar na contramão da terra de ninguém e falar de Mochuara³, da Reserva Biológica de Duas Bocas⁴, com sua rica e diversificada fauna de raras espécies. Falar da tradicional cultura do Carnaval do congo de máscaras, que, historicamente, eram usadas por negros escravizados que haviam fugido. Por não conseguirem chegar à Festa da Penha (tradicional no Estado do ES) - localizada no município de Vila Velha, devido às dificuldades nos percursos nas matas - comemoravam em Cariacica, cantando, dançando e tocando tambores e casacas enquanto passavam por cada residência (Cariacica, 2019). Festa que carrega em suas máscaras, tambores, músicas, entre outros aparatos e instrumentos, histórias de muitas lutas e resistência daqueles que por aqui residiram. Os mestres do congo contam que as máscaras serviam para que os negros não fossem identificados pelos senhores de terra que os escravizavam. Eles se cobriam por todo o corpo e saíam para aproveitar o Carnaval do congo e a Festa da Penha sem que fossem reconhecidos (Cariacica, 2019).

* * *

Bem, poderíamos puxar muitos fios de histórias da cidade, mas fizemos uma escolha: destacar que nessa “terra de ninguém”, há luta,

3 Sobre o Mochuara, ver: www.cariacica.es.gov.br/cultura.

4 Criada como reserva florestal em 1965 e transformada em reserva biológica em 1991, a represa situada no bairro de Duas Bocas, já foi utilizada como fonte de abastecimento de água para o município de Vitória-ES. Sobre a reserva de Duas Bocas, ver: www.cariacica.es.gov.br/cultura

(re) existência desde as primeiras ocupações no território. Cariacica carrega a potência de contar outras histórias para além daquelas iluminadas sobre as luzes da razão, que acabam por produzir discursos de verdade que se apresentam como “naturais”, “inerentes” à história de um território. A cidade sempre conta outras histórias, e ela só serve se puder contar outras histórias (Baptista, 2019). A cidade, entendida como campo minado, escancara os jogos de força que a constituem, criam e desmancham histórias, nela algo poderá acontecer, já está acontecendo (Baptista, 2019; Baptista; Candido; Avila, 2020).

Outras histórias de resistências estão sendo contadas. Histórias das lutas cotidianas dos coletivos de juventude negra que estão espalhados pela cidade, distribuídos pelos bairros. Movimentos e encontros que indicam outros possíveis modos de viver Cariacica, de mudar realidades instituídas, contando outras histórias que não apenas a das guerras, tráfico ou morte (Santos, 2019).

Com arte, música, funk e rap, os coletivos:

[...] se juntam para produzir pautas reivindicatórias por direitos que lhes são negados, e ocupam os espaços abertos com as múltiplas vozes da comunidade como forma de tentar se desvincular dos movimentos instituídos, mas que não significa o salvo-conduto de possíveis capturas no encadeamento das suas lutas. Desse modo, ao contestar situações de exclusão e inventar alternativas coletivizadas de lutas contra práticas que precarizam sua condição de existência, a juventude aquece redes que impulsionam formas de colaboração entre si, transgredindo regimes opressores imputados à sua vida (Santos, 2019, p.52-53).

As movimentações da juventude que têm surgido nas periferias mostram a luta para habitar e construir outros espaços para se viver. Experiências de vida em forma de rima produzem força para a afirmação de uma vida digna de ser vivida na cidade.

Nas periferias, além e aquém das histórias de violência, tráfico e criminalização, os jovens negros continuam “sendo alvo da criminalização de seus movimentos pela polícia, pela igreja, pelo tráfico e pela mídia de massa. Mas nem por isso deixam de atuar...” (Santos, 2019, p. 76). A vida resiste, a vida insiste.

O exercício de resistência é afirmação da potência de ação que constitui o vivo. Diz respeito a processos anônimos e imprevisíveis, centelha de instabilidade que tecem outros modos de existência. Resistir, como reexistência, é criar modos de agir que afirmem a inesgotável potência de criação que compõe o vivo (Heckert, 2014, p.477).

Portanto, a intensificação dos processos de regulamentação da vida que constituem as ruas, a vida da cidade, é uma estratégia política que tem a vida humana como seu principal objeto, operando por uma lógica do “fazer viver e deixar morrer” (Foucault, 2003).

[...] temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem decorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos. É uma tecnologia que visa, portanto, não o treinamento individual, mas pelo equilíbrio global, algo como uma homeostase: a segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos (Foucault, 2005, p. 297).

Esses mecanismos de regulamentação são endereçados, principalmente, a certos grupos sociais, ou melhor, a certa parcela desses grupos. “Para aqueles que de algum modo não conseguiram se alinhar a certas iscas de ‘inclusão social’ restaria o lugar de matáveis” (Heckert et. al, 2020, p. 177). Trata-se da morte não apenas física, mas de exposição indireta à morte, pois: “o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e

simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc” (Foucault, 2006, p. 306).

* * *

A dita “terra de ninguém” apresenta uma potência indiscutível de força e de luta. Dentre elas, escolhemos para esse artigo trazer aquelas da cidade com a loucura. Quais são as histórias contadas a partir de sua relação com a loucura? Como políticas patrimonialistas e coronelistas lidam com a loucura? Quais movimentos de (re)sistência se engendram nesse processo de higienização da cidade que almeja um status de desenvolvida e moderna?

Terra dos movimentos negros, dos movimentos da juventude, de lutas cotidianas por uma vida outra a partir da queda dos muros físicos do manicômio que funcionou na cidade por tantos anos. Isso possibilitou que a loucura habitasse outros espaços da cidade que não em um, sem eufemismos, calabouço. Quais histórias são possíveis de serem contadas desse processo?

Contando histórias e compartilhando experiências: a história oral como proposta

Experiência é “qualquer coisa de que se sai transformado” (Foucault, 2010, p. 289) e tem a potência de nos arrancar de nós mesmos. Nesse processo já não podemos ser mais os mesmos, somos levados a um aniquilamento, dissolução daquilo que éramos para nos levarmos a sermos outra coisa que, de certo, ainda não sabemos de antemão (Foucault, 2010).

A experiência é um processo que, mesmo se fazendo sozinho, só pode ser feito “na medida em que escapará à pura subjetividade” (Foucault, 2010, p. 295). Ou seja, é preciso que a experiência ao ser escrita possa viabilizar transformações para além do próprio escritor,

“mas que possa ter certo valor, certo caráter acessível para outros, que essa experiência possa ser feita pelos outros” (Foucault, 2010, p. 294-295).

Meu problema era de fazer eu mesmo, e de convidar os outros a fazerem comigo, através de um conteúdo histórico determinado, uma experiência do que somos, do que é não apenas nosso passado, mas também nosso presente, uma experiência de nossa modernidade de tal forma que saíssemos transformados. O que significa que, ao final do livro, pudéssemos estabelecer relações novas com o que está em questão: que eu, que escrevi o livro, e aqueles que o leram tivéssemos em relação à loucura, ao seu status contemporâneo e à sua história no mundo moderno um outro relacionamento (Foucault, 2010, p. 292).

As inquietações que surgiram a partir das experiências com a loucura, vivenciadas no conjunto residencial no município de Cariacica-ES é o que vamos contar. Experiências que ao serem vivenciadas foram produzindo outros modos de relação com a loucura que habita os espaços da cidade, que possibilitaram, ainda que em breves lampejos, quebras aos modos enrijecidos de vida, aos silenciamentos e à indiferença. Trazer “um pouquinho” (Portelli, 1997) das experiências que nos arrancam de nós mesmos e que possibilitam estabelecer relações outras, aberturas a experimentações com a loucura.

O encontro com Alessandro Portelli e suas formulações sobre a História Oral foram essenciais para este trabalho. Em História Oral, as fontes orais têm fundamental importância na construção de uma pesquisa, uma vez que trazem à cena aquilo que as pessoas experienciam. Essas experiências emergem a partir de memórias, de relatos repletos de uma multiplicidade de significados que nos contam “não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (Portelli, 1997, p.31).

Construída conjuntamente, as conversas com moradores, a partir de procedimentos da História Oral, é um produto da ação dialógica conjunta. Visamos produzir “irrupções dessujeitadoras” (Rodrigues, 2011, p. 237). Deslocarmos de uma pretensa neutralidade e ampliar, ao invés de restringir, como comumente acontece, “a gama das ações possíveis por parte do outro (e de si mesmo)” (Rodrigues, 2011, p. 236).

O narrador é agora um dos personagens e o contar da história é parte da história que está sendo contada. Isto implicitamente indica um envolvimento muito mais profundo, político e pessoal que é aquele do narrador externo. Escrever história oral radical, então, não é matéria de ideologia ou partidarismo subjetivo ou de escolher um conjunto de fontes no lugar do outro. Está, com mais razão, inerente na presença do historiador na história, no assumir a responsabilidade que o inscreve ou a inscreve no relato e revela a historiografia como ato autônomo de narração. As escolhas políticas se tornam menos visíveis e vocais, porém mais básicas (Portelli, 2010, p.38).

Desse modo, resolvemos apostar na memória dos cidadãos cariaciquenses como espaço de criação de sentidos dessa experiência com a loucura, memória como espaço de lutas, atravessada por dispositivos de saber, poder e subjetivação. Afinal, a memória dos humanos é também a memória da cidade (Portelli, 2010; Rodrigues, 2005). Assim, recordar não diz respeito apenas ao passado, mas também ao presente, uma vez que recordar é uma atividade do presente, ainda que os narradores estejam contando uma história do passado (Portelli, 2010).

É agora que recordamos, é hoje que falamos do passado, que contamos o passado. E a memória não é só um espelho de fatos, mas um fato histórico: a própria memória é um fato histórico em si. Não há apenas uma memória da história, há também uma história da memória: como muda, no curso do tempo, a maneira de recordar fatos históricos (Portelli, 2010, p.11).

Assim, fomos conversando com moradores e profissionais de saúde que experienciaram (e ainda experienciam) o processo decorrente da desinstitucionalização da loucura na cidade de Cariacica-ES, a partir do Conjunto Residencial Santana. Convidamos aqueles que leem esse trabalho a viver junto às histórias de experiências aqui narradas, deixando-as emergir.

As histórias de experiências aqui escritas são um “pouquinho” (Portelli, 1997) do que conseguimos aprender nesse processo de encontro da cidade de Cariacica com a loucura fora dos muros do Hospital. Buscar aprender um “pouquinho” não deve ser entendido de uma forma desqualificadora, mas dada a infinidade de histórias de uma certa realidade, torna-se um equívoco achar que conseguiremos conhecer a sua totalidade, o que de fato não é nosso desejo. Desse modo, o “pouco” que os moradores contam não tem o objetivo de colocar um ponto final na história, mas afirmar uma história que se constrói enquanto contada (Portelli, 1997). Na cidade algo sempre pode acontecer, e acontece. Nunca se diz a última palavra.

* * *

Experiências de uma cidade com a loucura

A partir do ano de 2004, o bairro Santana, no Conjunto Residencial Santana, foi escolhido para sediar algumas das primeiras residências terapêuticas⁵ do estado. Hoje, somam-se cinco

5 As casas aqui mencionadas dizem respeito aos Serviços Residenciais Terapêuticos, estabelecidos a partir da portaria nº 106 de 11 de fevereiro de 2000. É um serviço da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. A proposta do serviço é oferecer moradia para egressos de internações de longa permanência tanto em hospitais psiquiátricos quanto em hospitais de custódia, oferecendo suporte e cuidados em saúde e em saúde mental aos moradores (Brasil, 2004). As casas compõem, juntamente as demais, o cenário urbano, sendo divididas, a depender da modalidade e da necessidade de maiores cuidados, em residências tipo I e tipo II. Ambas são destinadas a moradores em processo de desinstitucionalização. Entretanto, o tipo II destina-se aos moradores com

residências na região que tem como objetivo servir de moradia para os ex-internos que deixaram o antigo hospital - atualmente nomeado Hospital Estadual de Atenção Clínica - localizado a poucos quilômetros do conjunto. Esse processo de desospitalização daqueles que passaram grande parte de suas vidas internados nesse hospital psiquiátrico se efetivou a partir de 1996 (Espírito Santo, 2005).

O manicômio de Cariacica ficou durante mais de quarenta anos encarregado de receber os considerados “desviantes” de um modelo de cidade burguesa, que emergia nos grandes centros urbanos capixabas. Corpos indesejados na cidade, separados da família, do trabalho, corpos considerados improdutivos, e até mesmo perigosos, uma vez que sua loucura perturbava a ‘paz e a ordem social’, o que poderiam oferecer senão a desordem?

Inaugurado em 1954, o Hospital Adauto Botelho foi um espaço destinado para alocar e retirar da cena urbana estes corpos desviantes do padrão urbano, pautado, em especial, por um discurso médico higienista, que teve grande força no cenário brasileiro a partir do século XIX. Para o manicômio de Cariacica eram enviados alcoolistas, mendigos, mulheres indesejadas no casamento e na partilha de bens, sífilíticos e, até mesmo aqueles cujas roupas estavam em desalinho (Carrion, 2011). Era preciso ‘tratar’ a loucura para que pudessem retornar aos outros espaços da cidade, enquanto os “sem conserto” por lá ficariam. Afinal, que utilidade teriam na cidade higienizada, produtiva e em ‘crescimento’?

Por anos habitando apenas o hospital psiquiátrico, os transeuntes do manicômio passaram a compor o cenário da cidade de uma outra forma, distinta da privação do contato

necessidades de cuidados elevados e/ou permanentes (Brasil, 2004). Antes, as moradias abrigavam cerca de 8 pessoas na residência tipo I e dez pessoas no tipo II. A partir da portaria nº 3.588 de 21 de dezembro de 2017, ambos passaram a acolher dez moradores (Brasil, 2017).

e do trânsito urbano. Aqueles que por lá residiram por mais de trinta anos, que tinham como únicas ruas os corredores do hospital, passaram a compor a cena urbana de outra forma. Essa loucura, que antes fora ocultada dos espaços da cidade, hoje entrelaça, circula e habita as ruas da cidade de Cariacica, seus becos e botecos.

Como essa cidade acolheu a loucura a partir da abertura dos portões físicos do Adauto?

O hospital deixou muitas marcas na memória dos moradores dessa cidade, como também nos corpos daqueles que por anos ficaram trancafiados nesse palácio de ferro fincado em um cume de um acidentado relevo cariaticuense. Memórias muitas vezes marcadas por medo e zombaria que, através de brincadeiras e piadas, faziam emergir uma concepção instituída de loucura como doença ou algo perigoso.

“Fulano, parece que é doido, não sabe ficar quieto, daqui a pouco a escola desiste e te manda pro Adauto” - frases como esta eram enunciadas nas escolas, entravam no meio das brincadeiras e risadas ao fim das aulas. As crianças se divertiam com o amigo indisciplinado que mais uma semana fora para a coordenação, enfatizando que o lugar de “doido”, de quem não sabe ficar quieto, de quem não responde a um padrão escolar - que exige silêncio por quase cinco horas sentados em fileiras - é um hospital psiquiátrico, uma oficina de consertar e depositar humanos, uma espécie de loja de reparos.

Localizado logo na entrada do bairro, o conjunto tem características e uma beleza singular, o que o torna um local agradável de frequentar. Distribuídas de forma ordenada, as casas, em sua maioria, são grandes, espaçosas, sendo difícil não encontrar uma casa bonita no conjunto. A pracinha é arborizada e tem chão de pedrinhas, rádios ficam fincados nos postes a tocar músicas e a quadra está sempre cheia de crianças e adolescentes a brincarem

de bola. “Impossível esquecer do centro comunitário do conjunto e suas festinhas, em especial a festa junina, que deixava decorada toda a praça e contava com a presença de pessoas que vinham de outros bairros como Tabajara, Nova Valverde, Planeta I e II, Itacibá, entre outros” afirmam.

Na subida da ladeira, que dá acesso ao conjunto, é possível avistar a padaria e a pracinha, locais de encontro entre os moradores. É difícil encontrar esses espaços vazios, estão sempre com policiais e guardas municipais que fazem algumas paradas na padaria para um café, e se demoram entre conversas e risadas, mães com seus filhos a brincar no parquinho da pracinha, outros que aparecem para pegar um sol da manhã ou do fim de tarde e aproveitam os encontros com os amigos da vizinhança para conversar sobre planos, contas a pagar, sonhos e outras coisas do dia a dia.

Nas brincadeiras entre amigos, costuma-se dizer que o “conjunto nem parecia pertencer à Cariacica, talvez um ponto fora da curva: sua organização e seus espaços de entretenimento nos saltavam aos olhos como raridade”. Expressões que fazem emergir memórias de uma cidade que, constantemente, tem sua imagem relacionada apenas à criminalidade, violência, desordem e abandono, esquecendo-se do Mochuara, da cultura do Congo e da (re)sistência.

Com a instituição das residências terapêuticas na cidade, a convivência com as “casinhas dos doidinhos” ou “casinhas do Aduato” - como eram chamadas pelos moradores de Santana - marcaram a memória dos que habitavam o bairro.

Uma delas, localizada acima da padaria, chamava atenção pelo fato dos moradores, em sua maioria idosos, quase sempre estarem vestidos de roupas largas, já bem desgastadas, algumas até rasgadas. Muitos gostavam de ficar na janela da residência olhando o trânsito da rua enquanto outros preferiam ficar na pra-

cinha, seja para pegar um sol da manhã ou do fim de tarde. Um deles sempre era visto pelas ruas do conjunto com seu rádio na mão tocando músicas do Roberto Carlos. Algumas vezes gostavam de conversar com qualquer morador que por lá estivesse. Muitos, quando abordados por esses vizinhos, levantavam-se, trocando de mesa ou até mesmo iam embora, mas outros se deixavam embalar pelas conversas diversas.

Um pouco mais à frente da Unidade Básica de Saúde de Santana encontramos uma casa de simpáticas senhoras que gostavam bastante de conversar, sempre agarradas às grades do portão, puxando assunto com quem quer que passasse pela calçada: “Tá frio hoje né colega?”, “Tá indo estudar colega?”. Uma delas gostava de ficar pedindo um biscoito para comer, especialmente um mirabel, seu preferido. Sua vizinha da direita, com quem fizera amizade, gentilmente entregava o biscoito solicitado. A casa desperta olhares por sua beleza, destacada por seu jardim bem cuidado, seus coqueiros sempre com as folhas verdes e seu telhado coberto por telhas portuguesas alaranjadas. No quintal, uma piscina que, mesmo nos dias mais quentes e ensolarados, não era desfrutada por seus moradores.

As moradoras são apelidadas de escandalosas por muitos que por ali passam, por conta de seus incansáveis gritos de “bom dia”, que disparam a qualquer hora, como forma de cumprimentar os transeuntes. Gritos que causam medo e incômodo em algumas pessoas. Rastros de pontes invisíveis vão sendo desenhados pelas ruas, ligando uma calçada a outra, proporcionando uma certa (e segura) distância da residência, rastros marcados nos corpos preconceituosos e discriminadores. Muitos se negam a responder ao cumprimento e as moradoras se negam ao silêncio. Algumas dessas batalhas são vencidas batalhas pela insistência e, talvez com isso, a indiferença seja quebrada.

Nas andanças pelo bairro, muitas vezes era possível responder aos cumprimentos, seja pela segunda ou terceira vez, tocada pela insistência que conseguia atravessar as barreiras invisíveis do medo e do silêncio. A casa, que antes provocava desvios, tornou-se ponto de parada para compartilhar histórias quaisquer, muitas vezes sobre um “cachorro verde” que uma das moradoras teve durante a infância.

“É a casa das doidinhas, não sei muito bem o que é não, mas acho que é um abrigo de idosas”. Essa foi a afirmação de uma moradora antiga do conjunto - vizinha de frente das moradoras. As tais “doidinhas” nunca receberam uma visita. Gostavam tanto de conversar, mas isso não se viabilizava, tampouco as conversas sem a barreira das grades do portão.

Certa vez, em uma das visitas ao bairro, enquanto aguardava o horário de um compromisso agendado, sentada na calçada em frente à “casa das escandalosas” - única residência terapêutica feminina do conjunto - uma moradora se sentou um pouco mais à frente, na mesma calçada, para descansar da subida da ladeira de entrada do conjunto. Nas conversas travadas, apontando para a residência, lançou o seguinte questionamento: “Não tem perigo a gente viver com eles aqui não?” Medo, intolerância com o que difere, estigma face ao contato com a loucura.

Com o tempo, o conjunto passou a abrigar mais duas residências terapêuticas e as casas mais antigas foram ganhando rostos novos. Contudo, a casa mais nova a ser implementada, chama atenção da vizinhança: “Quem são os novos moradores?”, “Nunca os vi aqui na rua”, “Será que não podem sair?”. Diferente do que se tinha lembrança dos outros moradores sempre na varanda, com as janelas abertas a olharem o trânsito das ruas, acendendo seus cigarros um após o outro, os rostos dos “novos” moradores não puderam ser guardados na memória. Altos muros que dificultam, ou melhor, praticamente

impossibilitam o encontro, ainda que apenas em olhares entre vizinhos. O grande portão de aço parece nunca ter sido aberto, sendo apenas possível ouvir gritos e ver a fumaça dos cigarros sobre os muros da residência.

Essas experimentações foram produzindo inquietações na cidade e com a cidade. Existiriam outras histórias que revelam uma ocupação da loucura na cidade para além dos muros e grades das residências? Histórias que continuam a ser contadas de encontros e produções de amizade, ainda que em breves lampejos, como a lembrança da compra de um mirabel a uma vizinha? Ou de longas conversas nos bancos da pracinha? Quais histórias podem ser contadas e que revelam movimentos de ruptura e quebra das formas cristalizadas de vida, que no encontro com o que difere produz estranhamento, medo e recusa a experimentação? Que movimentos desmancham os estigmas e criam outras possibilidades de compor o cenário da cidade? Quais histórias a cidade de Cariacica conta sobre o processo de desospitalização da loucura em seus espaços?

Importante enfatizar que desinstitucionalizar não equivale a desospitalizar. Desinstitucionalizar é criar experiências outras de vida, de atores extra-manicomial, como os serviços de saúde, as políticas culturais, as instâncias educacionais, entre outros. Desinstitucionalizar é romper com as barreiras instituídas, possibilitando que diferentes modos de vida sejam capazes de existir e serem afirmados (Rotelli, 2001).

Sendo assim, cumpre ressaltar que entendemos por instituições os sistemas de regras que constituem pessoas, grupos e organizações sociais: “produzidas pela história, as instituições acabam por aparecer como fixas e eternas, como algo dado, condição necessária e trans-histórica da vida da sociedade” (Lourau, 2004, p.73). As instituições são compostas pelas dimensões instituídas e instituintes que

se interpenetram a todo instante. A dimensão do instituído se refere a todo um aparato de normas, valores, saberes, formas de vida, que se apresentam como estáveis e universais, numa estratégia de proporcionar certa ordem social. A dimensão instituinte, por sua vez, insiste em escapar a essas formas padronizadas: produz aberturas, bifurcações, contesta as formas cristalizadas, possibilitando a criação de outras novas formas de existência. Que movimentos instituintes se insinuavam entre as duzetas do que ali estava instituído no que diz respeito à loucura?

A loucura faz chacoalhar as estruturas de uma utópica cidade padronizada e ordenada. Apegados ao mundo da previsão, da antecipação, da normalidade, de formas enrijecidas, ao nos depararmos com a paradoxalidade que o trânsito pela cidade provoca, em especial pela entrada da loucura pelos arredores da cidade, o estranhamento e temor aterroriza o cidadão que vê dissipar a confortável “estabilidade de si e da conquistada identidade” (Baptista, 2020, p.189).

“Então a gente não vai poder mais deixar as crianças na rua porque um doido pode fugir de casa?”, “Ouvi dizer que eles estão envolvidos com coisa da justiça também, tem caso até que colocou fogo na própria casa, como eles vão morar aqui?”, “Como controlam esses crimes? Quem garante que não vai se repetir?”, “Nossas casas vão perder o valor comercial com a vinda deles para cá!”.

A cidade murmurava suas inquietações, a entrada da loucura em outros espaços provoca estranhamentos, ameaça os frágeis castelos da ordem e da norma em que se encontra o cidadão moderno. Inquietações revelam que, assim como os outros municípios do estado, a cidade de Cariacica parecia não desejar receber os loucos em seus espaços. Os discursos e práticas em nome de uma urbe ordenada, higienizada, normalizada, produtiva e consumis-

ta, também perpassam essa cidade dita “terra de ninguém”.

Entre murmúrios, inquietações e indignações, um abaixo-assinado foi feito por alguns moradores como forma de manifestar o não desejo pela vinda dos ex-internos como moradores do conjunto residencial. Mais do que um papel repleto de assinaturas, o documento revela alguns dizeres da cidade, externaliza, em cada assinatura, o medo e a noção de periculosidade ligada à loucura. Marcam a memória de uma cidade e de um bairro que abrigou o primeiro hospital psiquiátrico público do estado, bem como os corpos daqueles e daquelas que por tantos anos de suas vidas ficaram internados naquele calabouço manicomial.

Como poderiam ir para aquele conjunto residencial que nem parecia pertencer a Cariacica? Como poderiam, aqueles considerados destoantes da utópica ordem urbana, aqueles corpos vistos como perigosos, adentrar naquele lugar de “confortável segurança” de territórios estáveis?

Inquietações que fazem emergir memórias marcadas por uma ideia de cidade da desordem, da violência, depósito dos indesejados dos grandes centros urbanos, uma cidade sem espaços de entretenimento, abandonada por seus governantes, “terra de ninguém”. Nos discursos de muitos moradores, o conjunto residencial parece se distanciar dessa cidade por sua aparente organização; seus locais de entretenimento; pelo centro comunitário e suas festinhas anuais; pela aparente segurança gerada pelos guardas municipais e policiais militares que frequentam a padaria do conjunto, onde se demoram entre cafés, risadas e conversas; ou ainda por sua pracinha arborizada com suas caixinhas de som a tocar qualquer música. Aparentemente, receber a loucura em seus espaços era trazer a este lugar a desordem, o abandono, transformar o conjunto em um “depósito de rejeitados”.

As casas foram escolhidas, os contratos de locação assinados, a loucura foi adentrando os espaços da cidade, avizinhandos-se das ruas, das casas, da vizinhança, do bairro. Com isso, para muitos dos seus residentes, o Conjunto Residencial Santana passou a ser chamado de “Conjunto de Doido”.

A entrada das residências terapêuticas no conjunto parece ter interrompido essa imagem de um lugar de ordem e de segurança de modos de vida ditos “normais” e “civilizados”; o louco na cidade parece interromper a ilusória fluidez do roteiro biopolítico urbano. Algumas crianças e jovens, moradores do conjunto, juntaram-se para jogar pedras nas “casinhas dos doidinhos” ou “casinhas do Aduito”, apelidos colocados nas residências terapêuticas. Neste caso, evidenciam, em brincadeiras e zombarias, atualizações de uma memória urbana marcada por toda uma concepção instituída de loucura.

A presença dessas vidas infames (Foucault, 2003) incomoda essa urbe esculpida por um biopoder que padroniza e controla a vida, uma cidade aparentemente morta em sua função de servir de cooperação para formação de cidadãos de destinos previamente traçados.

À semelhança de um grande jardim, a urbe acolhe potencialidades como sementes para que, no futuro, germinem, desenvolvam vigorosas rumo a uma prometida cidadania. Crianças e jovens crescerão como árvores nesta cidade jardim. Das sementes, o futuro já estaria definitivamente decidido. Do urbano, esperam-se apenas cooperação e não interferência. Cenário, solo adubado, a paisagem que acolhe sem interferir são qualidades da cidade que servirão para educar e formar cidadãos na escola sem muros (Baptista, 2019, p. 24).

O que mais pode a cidade que não aquela que colabora com o crescimento de árvores estacionadas no jardim? Ficariam essas árvores estacionadas? Seriam só árvores?

Nas tentativas de alugar outras casas para estabelecer outras residências terapêuticas no bairro, os proprietários jogavam os preços bem acima do valor de mercado, supostamente para que se desistisse do projeto: “Vai quebrar a casa toda, porque quando vocês saírem ninguém vai querer vir aqui, ninguém vai querer morar aqui depois que vocês saírem”.

Alugar uma casa para ex-internos de um hospital psiquiátrico era correr o risco do imóvel ficar marcado, ter o selo da loucura, a marca de que ali, naquela residência, residem ou residiam ex-internos de um hospital psiquiátrico. Parece que no instante em que a casa é alugada ela passa a ser a casa onde os “doidos”, onde suas loucuras e seus perigos moram, uma casa que se tornaria inabitável pelos ditos “sãos”. A cidade se recusava a acolher a loucura?

É no cotidiano, ou melhor, nos “pequenos” encontros do dia-a-dia que a cidade revela ser o palco de desmanches de histórias tomadas como únicas, verdadeiras e eternas. À margem desse roteiro outras histórias podem ser contadas. Há, todavia, quem despreze o cotidiano.

Há quem diga que ali nada há a observar além da banalidade típica do senso comum. [...] o dia-a-dia é palco pleno de férteis guerrilhas micropolíticas: embates minúsculos e intensos, enfrentamentos moleculares, contendidas concretas, dentre outras, entre o poder sobre a vida e o poder da vida. [...] há algo sutil a se ler na experiência urbana a partir da familiaridade que passa despercebida e dos detalhes à primeira vista sem importância (Mizoguchi, 2007, p. 48).

Nessas histórias de experiências cotidianas com a loucura encontramos um “pouco de possível” (Deleuze, 1992) para não sufocarmos? Outras histórias podem emergir que não apenas de recusa à experimentação, histórias que revelam outros modos de habitar a cidade?

“Um pouco de possível” só se torna viável por um acontecimento que o faz emergir. Um

acontecimento “é uma bifurcação, um desvio em relação às leis, um estado instável que abre um novo campo de possíveis” (Deleuze; Guatarri, 2015, p. 119). Assim, nesse movimento, “o possível não preexiste, é criado pelo acontecimento, que cria uma existência, produz novas formas de subjetividade (novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho [...])” (Deleuze; Guatarri, 2015, p. 119). Com efeito, histórias possíveis são histórias que revelam esses movimentos de bifurcação, de desvio daquilo que parece ser imutável. Ou seja, desvios da indiferença, do medo e da recusa à experimentação para, alternativamente, criar campos de experimentação, de convívio, de produção de novas relações com a loucura para além das previamente consolidadas, cristalizadas, instituídas. O que ainda nos conta a cidade? (Deleuze; Guatarri, 2015, p. 119).

Foi, e é, na própria vivência cotidiana que a cidade de Cariacica vai aprendendo a conviver com a loucura de outra forma que não sobre a ilusória “garantia” dos portões sempre trancados do Adauto. É na própria convivência diária que as muralhas da indiferença, do medo e da recusa à experimentação foram, são e podem ser quebradas para possibilitar que outras histórias sejam contadas.

Muitas vezes, a partir de um café, histórias emergem indicando outros possíveis. Nas idas à barbearia do bairro, os moradores das residências terapêuticas masculinas foram desenvolvendo o hábito de passar diariamente no estabelecimento, ainda que não fosse para fazer a barba ou cortar os cabelos, mas para tomar um cafezinho distribuído no local. Nesse movimento, para garantir que o cafezinho na barbearia não faltasse, os moradores resolveram contribuir com o pó de café e açúcar. Os laços foram se estreitando, o medo e a insegurança frente ao contato com a loucura foram abrindo espaço para outras composições,

para um café compartilhado, um bate-papo na porta da barbearia, um cumprimento de longe para avisar que tem café pronto.

Quanta potência pode haver em um cafezinho? Quantas histórias podem ser contadas a partir de um café? “Você gosta do café com mais açúcar e do pão na chapa sempre com presunto e queijo, né?” “Deixei separado o açúcar, sabia que você viria”.

Na cidade nada passa despercebido e o transitar da loucura por seus espaços também não. Os rostos até então invisíveis começam a ganhar nomes. Nessa vivência cotidiana, a amizade pode dar sinal de seus pequenos brotos a se espalhar pelo jardim da urbe: “Bom dia seu Fulano, hoje o café é por minha conta, vamos sentar lá fora e conversar um pouco” - brotos que foram nascendo no encontro diário entre vizinhos, que passaram a guardar na memória o nome dos moradores das residências terapêuticas, a chamar para tomar um café na padaria, até mesmo pagar o cafezinho de costume da manhã, e “bater um papo” nas mesinhas do estabelecimento.

Histórias que vão compondo a cidade juntamente a tantas outras, possibilitando novas relações e composições entre loucura e cidade. Histórias que emergem das pausas para um café na padaria ou na barbearia do conjunto, que vão se misturar às histórias provenientes dos incansáveis, intransigentes e insistentes gritos de “Bom dia” disparados do portão da “casa das escandalosas”. Gritos que ecoam pelas ruas do conjunto e produzem quebras das pontes invisíveis do medo e da indiferença, que se manifestam no atravessar de calçada por alguns moradores, a fim de evitar os rotineiros cumprimentos das vizinhas. Insistentes, sempre pela manhã e à tarde, lá estão elas no portão distribuindo seus cumprimentos a quem quer que passe, cumprimentos que chegam ao outro lado da calçada e provocam abalos nas fortalezas do silêncio urbano.

“Bom dia, fulana, passei lá no supermercado para fazer umas comprinhas e comprei o mirabel que você gosta, mais tarde passo aqui e te entrego”. Os incansáveis gritos de “bom dia”, semelhante ao cafezinho cotidiano na padaria ou barbearia, convocam a produção de outras relações, outras memórias, convocam à fuga de um roteiro urbano individualizado e, aparentemente, morto. Com o tempo, os incansáveis gritos foram ganhando respostas, ainda que de primeiro momento tímidos, mas que foram produzindo paradas e aberturas no portão para conversas, visitas para o festejar de um aniversário das moradoras da residência, lembranças da compra do mirabel favorito da amiga-vizinha.

As histórias construídas a partir de um café, de um intransigente e insistente cumprimento de “Bom dia” disparado do portão de uma casa, das longas ou breves conversas nos bancos da pracinha do Conjunto Residencial Santana vão proporcionando que outras histórias emergem e compõem a cidade. Histórias que contam dos barulhos das pedras a bater nos portões das “casinhas dos doidinhos” dando lugar a companhia assídua das crianças do conjunto que levam seu material escolar para participarem das atividades terapêuticas juntamente aos moradores das residências. Ou ainda, histórias das alegrias, comemorações e entusiasmos compartilhados entre a vizinhança ao frequentar as festas de carnaval, quadrilha das festas juninas, natal e fim de ano organizado pelos moradores das residências terapêuticas.

É no que consideramos banal do cotidiano que os encontros foram acontecendo e os laços foram sendo criados. É em um café, em uma ida à padaria, nas festas da pracinha do conjunto, entre tantos outros, que a cidade de Cariacica foi tendo sua pretensa ordem chacoalhada pela ocupação de seus espaços pelos “doidinhos do Aduato”. É na composição das “casinhas do Aduato”, em seus espaços, do trânsito

cotidiano de seus nada novos moradores, que certos impérios de uma utópica estabilidade foram se desmanchando. “A urbe cortante está sempre insuflando prováveis montagens de histórias e de formas de luta; montagem feita dos restos de sonhos deixados pela metade do caminho, de cenas banais ou não, do cotidiano” (Baptista, 2019, p.29).

Desse modo, essa potência da vida nunca deixou de existir, ainda que sob constantes estratégias de domínio.

Potência primeira, esta da vida, que goza virtualmente de uma força soberana, constitutiva, inaugural e indomável. Aquilo que parecia inteiramente submetido ao capital ou reduzido à mera passividade, ou seja, a vida, aparece nessa segunda leitura como um capital, como a fonte maior de valor, como reservatório inesgotável de sentido, de formas de existência, de direções que extrapolam as estruturas de comando e os cálculos dos poderes constituídos que pensavam pilotá-la, mesmo quando esses poderes se exercem nas suas modalidades mais acentradas, rizomáticas, imanentes (Pelbart, 2015, p.21).

Na mesma cidade que ergue seus muros manicomial, sejam eles físicos e/ou invisíveis, tal processo também pode ruir. Nela, nada é imutável e eterno: se, por um lado, evoca-se exclusões requintadas, se muros invisíveis bloquearam a experimentação, também pudemos ver (e ainda iremos ver) os castelos de areia da imutabilidade desmoronarem.

A cidade continua a contar infundáveis histórias, nas palavras, nos gestos, nos acenos e nas imagens. Um pouco de possível, a cada dia, todos os dias.

Era uma vez... Quem conta um conto aumenta um ponto

A loucura habitando a cidade escancara nossa dificuldade de lidar com outros modos de existência. Capturados por modelos de vida sobrecodificados construímos barreiras que

nos impedem de entrarmos em contato com essas existências que provocam, no mínimo, estranhamentos. A loucura provoca estranhamento em nós, pois revela que a vida se faz na multiplicidade (Lavrador, 2006).

A cidade vista como “campo minado” faz emergir em cada fresta, ruas, avenidas, casas, e na memória de seus cidadãos, espaços de lutas e resistências frente aos modos de vida endurecidos, que insistem em cercear a multiplicidade do viver e do com-viver. Em cada “bom dia”, cafés compartilhados, idas à padaria, ao supermercado, em cada ínfimo espaço da cidade de Cariacica é possível ouvir narrativas de outros modos de perceber a loucura habitando essa cidade que não pela rejeição, medo, estigma e exclusão.

É somente a partir do transitar pela cidade que as muralhas dos manicômios mentais (Peibart, 1990) podem ser destruídas e a loucura possa ser acolhida, sendo o cotidiano instrumento fundamental nesse processo. É no cotidiano do Conjunto Residencial Santana, que tem sua pretensa ordem abalada, transformada, que é possível produzir e contar histórias outras. Assim, quebrar os portões do manicômio só se torna possível quando quebramos as grades do cárcere da racionalidade em que vivemos, renunciando, assim, a completa imersão no império racional e produzindo possibilidades para o ato de pensar desrazoadamente.

As lutas contra os manicômios mentais não acabaram, tampouco é tarefa simples, mas a vida afirma a multiplicidade: ela escapa dos aprisionamentos, os cárceres são minados por sua força que pulsa, que difere, que pede passagem para outros modos de existência – modos de existência louco, homossexual, negro, mulher, primitivo, animal, criança, entre outros. “[...] resistir é afirmar a potência do possível”; logo, é propiciar que aquilo que difere de nós, e talvez, primordialmente em nós, seja duplamente afirmado: dupla afirmação da

multiplicidade, como existência e como possibilidade de a própria multiplicidade existir (Lavrador, 2006).

Referências

BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. **Escritos urbanos**: ensaios sobre subjetividade e política. Curitiba: CRV, 2020.

BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Para que serve a cidade? *In*: BOSI, Maria Lúcia Magalhães; PRADO, Shirley Donizete; AMPARO-SANTOS, Ligia (Org.). **Cidade, corpo e alimentação**: aproximações interdisciplinares. Salvador: Edufba, 2019. p. 21-33.

BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos; CÂNDIDO, Mario Cesar Carvalho de Moura; ÁVILA, Raphael Ferreira de. A cidade do anônimo: experimentações éticas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, PUC Minas. v. 26, n. 1, p. 346-364, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/download/22744/17822>. Acessado em: 28 out. 2023.

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Escritos sobre literatura e história da cultura. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 197-221.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.588, de 21 de dezembro de 2017. Altera as Portarias de Consolidação no 3 e no 6, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre a Rede de Atenção Psicossocial e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, n. 245, de 22 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Residências Terapêuticas: o que são, para que servem**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).

CARIACICA. Prefeitura Municipal de Cariacica. **A história do carnaval de máscaras de congo em ‘causos’**. 2019. Disponível em: <https://www.cariacica.es.gov.br/noticias/67004/a-historia-do-carnaval-de-mascarasde-congo-em-causos>. Acessado em: 28 out. 2023.

CARRION, Carla Torres Pereira. **Desalinhados**: uma

história do Hospital Aduato Botelho e das memórias que ali habitam. 2011. 159 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Maio de 68 não ocorreu. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, UFRJ/UFF/UFRRJ, v. 8, n. 1, p. 119-121, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26807>. Acesso em: 25 out. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria Estadual de Saúde. **Residências terapêuticas superam as expectativas**. Vitória, 2005. Disponível em: <https://saude.es.gov.br/residencias-terapeuticas-superam-as-expectati>. Acesso em: 25 out. 2023.

FERREIRA, Marcelo Santana. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ, v. 7, p. 121-133, 2011. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/4147925>. Acesso em: 25 out. 2023.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222. (Ditos & escritos VI).

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Ditos & escritos VI). p. 289-347.

FOUCAULT, Michel. **A sociedade punitiva**: curso dado no Collège de France, 1972-1973. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

HECKERT, Ana Lucia Coelho. Os exercícios de resistência no contemporâneo: entre fabulações e con-

tágios. **Psicologia em Estudo**, Maringá, Universidade Estadual de Maringá. v. 19, n. 3, p. 469-479, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Wvj8W-vm7mxNcw9zZv8DBvVh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 out. 2023.

HECKERT, Ana Lucia Coelho *et. alli*. Redes no território: experimentações de um programa de extensão entre desassossegos e regulamentações da vida. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ, v. 16, n. 1, p. 161-187, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/52689>. Acesso em: 23 out. 2023.

LAVRADOR, Maria Cristina Campelo. **Loucura e vida na contemporaneidade**. 2006. 194p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

LOURAU, René. Implicação-transdução. In: ALTOÉ, Sonia (Org). **René Lourau**: analista institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 212-223.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Segmentariedades**: passagens do Leme ao Pontal. São Paulo: Plêiade, 2007.

PELBART, Peter Pál. Manicômio mental: a outra face da clausura. In: LANCETTI, Antonio. (Org.). **Saúde e loucura**. n. 2. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 131-138

PELBART, Peter Pál. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... **Saúde e Sociedade**, São Paulo, Faculdade de Saúde Pública/Universidade de São Paulo/Associação Paulista de Saúde Pública, v. 24, (suppl. 1), p. 19-26, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/SBMnsjPgX7Q5mzDWd-nhLQ6D/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2023.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/download/41498/28767>. Acesso em: 23 out. 2023.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História** (Cultura e Representação), São Paulo, Programa de Estudos Pós-

Graduados em História, Departamento de História da PUC-SP, n. 14, p. 25-39, fev. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>. Acesso em: 21 out. 2023.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista Projeto História** (Cultura e Representação), São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Departamento de História da PUC-SP, n. 15, p. 13-49, abr. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/11215/8223>. Acesso em: 23 out. 2023

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde Intercessores e narrativas: por uma dessujeição metodológica em pesquisa social. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, Minas Gerais, Universidade Federal de São João Del-Rei (LAPIP/PPGPSI/UFSJ), v. 6, n. 2, p. 234-242, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revpspi/article/view/9027/7461> Acesso em: 23 out. 2023.

RODRIGUES, Heliana de Barros. A Psicologia Social como especialidade: paradoxos do mundo Psi. **Psi-**

ciologia & Sociedade, v. 17, n. 1, p. 83-88, jan./abril, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/mwcySGvT8C86hjkGDGxG3bs/> Acesso em: 23 out. 2023.

ROTELLI, Franco; LEONARDIS, Ota; MAURI, Diana. Desinstitucionalização, uma outra via. In: NICÁCIO, Fernando. (Org.). **Desinstitucionalização**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17-59.

SANTOS, Fabricio Oliveira dos. **Relações de poder e modos de (re) existência**: como a juventude negra protagoniza lutas cotidianas contra o racismo em Cariacica/ES? 132 p. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

Recebido em: 30/10/2023

Revisado em: 20/09/2024

Aprovado em: 24/09/2024

Publicado em: 30/11/2024

Samara Pimenta Monecchi é Doutoranda e Mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). *E-mail*: samara.monecchi@gmail.com

Maria Elizabeth Barros de Barros é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-doutorado em Saúde Pública, Pós-doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal Fluminense, Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade do Rio de Janeiro. *E-mail*: betebarros@uol.com.br

Heliana de Barros Conde Rodrigues é professora associada e procientista da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. *E-mail*: helianaconde@uol.com.br